

A IGREJA E SUA FUNÇÃO PEDAGÓGICA

Caramuru Afonso Francisco¹

Resumo:

A Igreja tem como tarefa primordial a de pregar o Evangelho, que é o anúncio, a proclamação de que Deus quer salvar o homem através de Jesus Cristo. Ao lado desta tarefa, porém, está posta outra atividade, a saber: o ensino. Como afirma o texto bíblico, os discípulos deveriam ir e “ensinar todas as nações”, expressão esta que, em algumas versões, é traduzida por “fazei discípulos” ou “façam discípulos” (como na NVI), que é, mesmo, a tradução mais adequada para o verbo grego “matheteusate” (μαθητεύσατε), que se encontra no original. Neste texto pretendemos dissertar sobre esta atividade da Igreja

Abstract:

The primary task of the Church is to preach the Gospel, which is the proclamation that God wants to save man through Jesus Christ. Beside this task, however, there is another activity, namely: teaching. As the biblical text states, disciples should go and "teach all nations," which in some versions is translated "make disciples" or "make disciples" (as in the NIV), which is More suitable translation for the Greek verb "matheteusate" (μαθητεύσατε), which is in the original. In this text we intend to lecture about this activity of the Church.

¹ Evangelista da Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Ministério do Belém – sede – São Paulo/SP, colaborador do Portal Escola Dominical (www.portalebd.org.br). Doutor em Direito e bacharel em Filosofia, ambos os títulos obtidos na Universidade de São Paulo (USP).

Introdução

Além de evangelizar, a Igreja tem outra tarefa fundamental: a de aperfeiçoar os santos, a de promover o ensino da sã doutrina a tantos quantos chegam aos pés do Senhor. Jesus foi bem claro ao determinar que, além de pregar o Evangelho a toda a criatura, a Igreja também “fizesse discípulos”, ou seja, “ensinasse as nações” (Mt.28:18,19).

A tarefa da Igreja de ensinar as nações

A Igreja, este povo constituído pelo Senhor Jesus para ser o povo de Deus na Terra durante a dispensação da graça (Mt.16:18), tem como tarefa primordial a de pregar o Evangelho (Mc.16:15; Lc.24:47,48), que é o anúncio, a proclamação de que Deus quer salvar o homem através de Jesus Cristo.

Ao lado desta tarefa, porém, está posta uma outra atividade, a saber: o ensino. Ao Se dirigir aos Seus discípulos, o Senhor Jesus disse que eles deveriam ir e “ensinar todas as nações”, expressão esta que, em algumas versões, é traduzida por “fazei discípulos” ou “façam discípulos” (como na NVI), que é, mesmo, a tradução mais adequada para o verbo grego “matheteusate” (μαθητεύσατε), que se encontra no original.

Não basta, portanto, que a Igreja pregue o Evangelho, ou seja, proclame a Palavra de Deus, mas é preciso, também, que a Igreja “ensine as nações”, “faça discípulos”, cuidado este que era patente nos tempos apostólicos, a ponto de os apóstolos terem chamado para si esta tarefa, considerando, inclusive, não ser razoável deixar de se dedicar à oração e ao ensino da Palavra (At.6:2,4), sem falar no zelo de Barnabé com relação à primeira igreja gentílica, a de Antioquia (At.11:25,26) e dos conselhos que Paulo dá a Timóteo no sentido de jamais se descuidar com o ensino junto aos crentes (I Tm.4:12-16).

Criada para ser a agência do reino de Deus aqui na Terra, a Igreja, ao mesmo tempo em que, para os que se encontram fora do reino de Deus, precisa ser a anunciadora da salvação, pregando o Evangelho, deve, para os que já viram e entraram no reino de Deus (Jo.3:3,5), ser a instruidora, aquela que ensina a Palavra de Deus aos que se converteram, a fim de que possam eles crescer espiritualmente e alcançar a

unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo (Ef.4:13).

Não se pode ter igreja sem que se tenham “discípulos”, ou seja, sem que se tenham “aprendizes”, “alunos” do Senhor Jesus. O próprio Jesus deu prova disso ao escolher discípulos e treiná-los durante todo o Seu ministério terreno. O ministério de Jesus é o exemplo para a Igreja, que é o Seu corpo: Ele pregou o evangelho às ovelhas perdidas da casa de Israel (Mt.10:6;15:24), como também preparou homens e mulheres que pudessem prosseguir a Sua obra (Mt.11:1). Se Seu ministério se resumisse tão somente na pregação, ante a rejeição de Israel (Jo.1:11), teria havido um fracasso. Entretanto, o Senhor formou um grupo de discípulos que, revestidos de poder, seriam Suas testemunhas até os confins da terra (At.1:8).

A pregação do Evangelho é o anúncio das boas-novas de salvação, é levar a mensagem que Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e leva para o céu, mensagem esta que, pregada pela Igreja, é misturada com a fé salvadora pelo Espírito Santo (Hb.4:2), que convence o pecador do pecado, da justiça e do juízo (Jo.16:8), levando-o ao arrependimento. Segue-se, então, o perdão dos pecados, a conversão, a justificação, a adoção como filho de Deus e a santificação posicional. Aquele que crê em Jesus como seu único e suficiente Salvador nasce de novo, da água e do Espírito, passa a pertencer à Igreja, passa a ser um filho de Deus.

Entretanto, assim como ocorre na vida física, também na vida espiritual temos que aquele que acabou de nascer, ou seja, o “neonato” (ou recém-nascido), é alguém que não tem condições de, imediatamente, andar por si só, viver por conta própria, caminhar com suas próprias forças até o dia em que se encontrará com o Senhor nos ares. A vida espiritual, ensinam-nos as Escrituras, é um combate diuturno contra o mal e o pecado, uma luta sem tréguas, em que “remamos contra a maré”, contra o curso deste mundo (Ef.2:2).

Quando alguém se converte a Cristo e nasce de novo, é um recém-nascido, é uma pessoa que não tem conhecimento algum a respeito das coisas de Deus, a respeito da vida com o Senhor Jesus. Embora tenha recebido uma nova natureza, embora seu espírito tenha se ligado novamente a Deus, ante a remoção dos pecados, é um ser humano e, como tal, precisa ser ensinado a respeito do Senhor, ensino este que deve ser proporcionado pela Igreja, que é a quem o Senhor cometeu esta tarefa sobre a face da

Terra. Jesus é quem salva, mas é a Igreja quem deve “fazer discípulos”, quem deve “ensinar”.

Esta realidade espiritual notamos em diversas passagens do ministério terreno de Jesus. Quando o Senhor chamou os Seus primeiros discípulos, ao chamá-los, disse que os faria “pescadores de homens” (Mt.4:19; Mc.1:17), ou seja, embora eles tivessem deixado tudo para servir a Jesus, ainda não eram “pescadores de homens”, algo que deveria ser aprendido, que demandaria tempo e esforço tanto por parte do Senhor, quanto dos Seus “discípulos”.

Aliás, o fato de os seguidores de Jesus serem chamados de “discípulos” é mais um fator para nos demonstrar que o crescimento espiritual não é imediato e exige o ensino da doutrina. “Discípulo” significa “aluno”, “aquele que aprende”. Jesus, a exemplo dos mestres judeus do seu tempo (os chamados “rabis”, hoje denominados de “rabinos”), era seguido pelos seus “alunos”, ou seja, por aqueles que queriam aprender as lições do mestre, por aqueles que esperavam aprender do mestre o conteúdo das Escrituras. João tinha os seus discípulos (Mt.9:14), assim como Jesus. Estes “discípulos” eram pessoas que, fundamentalmente, queriam aprender com Jesus, tinham interesse em tomar conhecimento daquilo que Jesus lhes queria transmitir e, por causa deste interesse, recebiam a revelação daquilo que estava oculto às demais pessoas (Mt.13:10,11).

Ser “discípulo” de Jesus é querer aprender de Jesus e o próprio Jesus enfatizou que é necessário que aprendamos d’Ele se quisermos encontrar descanso para as nossas almas (Mt.11:29). Somente sendo “discípulo”, ou seja, querendo aprender a respeito de Jesus, que nada mais é que aprender a respeito das Escrituras (Mt.22:29; Jo.5:39), é que teremos acesso à verdade e, por isso, seremos santificados (Jo.17:17), daremos fruto a ponto de sermos reconhecidos como filhos de Deus (At.11:26) e, por causa disto, desfrutaremos da vida eterna com o Senhor (Mt.13:23,43).

O salvo é nascido da água e do Espírito, ou seja, é gerado de novo por causa da Palavra de Deus, a que ele deu crédito e que proporcionou a regeneração (Ef.5:23; Tt.3:5), mas é indispensável que, além de termos nascido, nós, também, tenhamos crescimento espiritual, crescimento este que se dá somente pela graça e pelo conhecimento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (Ef.4:15,16; II Pe.3:18).

Para que haja crescimento espiritual, portanto, é necessário que a Igreja ensine os crentes a ter uma vida espiritual, que ensinem aos crentes o que é viver com Cristo, o que é andar segundo o espírito, o que é ser um verdadeiro, genuíno e autêntico discípulo de Jesus. Quem deve ensinar tais coisas ao que aceitou a Cristo é a Igreja, pois para isto é que o Senhor edificou a Sua Igreja. Não é possível para o homem, criado como um ser social, que viva sozinho e sozinho sirva ao Senhor. Assim, como a vida espiritual deve ser feita na igreja, em grupo, assim também é a este grupo, à Igreja que cabe a responsabilidade de ensinar os salvos, de “fazer discípulos”.

Quando uma pessoa nasce de novo, encontra-se na mesma posição de Lázaro ressuscitado (Jo.11:1-45). Jesus, depois de quatro dias, quando o corpo de Lázaro já estava em decomposição, mostrou o Seu poder sobre a morte, fazendo-o ressurgir dos mortos. Milagrosamente, Lázaro saiu da sepultura com vida. Entretanto, é interessante notar que Lázaro foi para fora da sepultura, mas se encontrava ainda todo enfaixado, conforme os costumes judaicos de preparação do cadáver. Jesus não determinou que Lázaro fosse daquele jeito para casa nem tampouco se incumbiu de desligar o ex-defunto. Mandou que aquelas pessoas que estavam ali vendo o milagre tratassem de tirar as faixas de Lázaro, de modo que ele próprio (Lázaro) fosse para a sua casa (Jo.11:44). Assim ocorre com o novo convertido: só Jesus poderia trazê-lo à vida, ou seja, salvá-lo; mas cabe a nós que estamos com Jesus neste mundo tomar as providências necessárias para que o novo crente se desligue de tudo aquilo que estava relacionado com a vida sem Cristo, ou seja, com a morte espiritual, para que ele, individualmente, siga em direção à sua casa, onde já o aguarda o Salvador. Aleluia!

A Igreja, portanto, tem uma função importantíssima e indelegável: o de ensinar as pessoas a servir a Cristo, a caminhar com o Senhor. Para que a pessoa aprenda a servir ao Senhor, é preciso que conheça as Escrituras, pois são elas que testificam de Cristo (Jo.5:39). Para que a pessoa aprenda a servir ao Senhor, é necessário que não erre e somente não erraremos se conhecermos a Palavra do Senhor (Mt.22:219; Mc.12:24). Por isso, a tarefa de ensino da Igreja é a do ensino da Palavra de Deus, do ensino das Escrituras.

A igreja local que não ensinar a Palavra de Deus aos seus integrantes, a começar dos novos convertidos, não estará cumprindo a sua tarefa sobre a face da Terra. Não basta pregar o Evangelho, mas é necessário que, uma vez as pessoas se decidindo por

Cristo, sejam elas devidamente ensinadas na Palavra do Senhor, tenham conhecimento das Escrituras, sem o que não se tornarão discípulos de Jesus e quem não for discípulo de Jesus não entrará no céu, pois só aqueles que assim se comportarem poderão dar fruto e, portanto, ser considerados como justos e resplandecerem no reino do Senhor, como o Senhor deixou claro na interpretação que deu da parábola do joio e do trigo (Mt.13:36-43).

O que é discipulado

A Igreja tem a missão de ensinar a Palavra de Deus aos servos do Senhor. Este ensino é uma de suas tarefas principais, que entendemos seja de igual importância que a tarefa de evangelização, até porque é complemento necessário e indispensável da evangelização. Não se evangeliza enquanto não se dá condições para que o novo convertido possa, com suas próprias forças, servir a Cristo, tenha condições de, por si só, dar testemunho consciente a respeito do que é ser cristão. Assim, a evangelização, a proclamação do Evangelho envolve algo mais do que simplesmente anunciar as boas-novas de salvação, mas também, a concessão do fundamento doutrinário básico capaz de tornar a pessoa consciente do que representa ser um cristão. Por causa disto, a evangelização já traz em si um discipulado, ou seja, um aprendizado, pois “discipulado” nada mais é que “aprendizado”. No sentido cristão, como diz Elienai Cabral, “é o trabalho cristão efetuado pelos membros da igreja, a fim de fazer dos novos crentes, autênticos cristãos, cujas vidas se assemelham em palavras e obras do ideal apresentado pelo Senhor Jesus Cristo” (A igreja e a sua missão. *Lições Bíblicas* – jovens e adultos. 1º trimestre de 2007, p.27).

O discipulado nada mais é que ensinar a Palavra de Deus aos novos convertidos, àqueles que aceitaram a Cristo como seu único e suficiente Senhor e Salvador de suas vidas e fazer com que eles, que foram escolhidos por Deus, possam viver de tal maneira que deem o fruto do Espírito, ou seja, tenham um novo caráter, uma nova maneira de viver que leve as pessoas a glorificar ao nosso Pai que está nos céus, ou seja, vivam de tal maneira que suas ações os transformem em testemunhas de Jesus, em prova de que Jesus salva e, por isso, outras pessoas reconheçam o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, ou seja, o Evangelho (Rm.1:16).

Foi exatamente isto que Barnabé e Paulo fizeram na igreja de Antioquia, a primeira igreja formada por gentios na história da Cristandade. Como estes crentes não partilhavam das promessas de Deus, como os judeus (Rm.9:4,5), havia necessidade de instruí-los nas Escrituras, para que aprendessem o que é servir a Deus. Tinham, sim, se convertido ao Senhor, como pudera ser atestado por Barnabé, que percebeu terem eles, realmente, nascido de novo, terem sido alcançados pela graça de Deus e terem o propósito do coração de permanecer no Senhor (At.11:23). Mas isto era insuficiente para que pudessem transformar o propósito em realidade.

Como Jesus ensina na parábola do semeador (Mt.13:3-8), é preciso que a semente germine e cresça em boa terra para que frutifique. Para que a terra seja boa, é necessário que o terreno seja devidamente preparado, adubado e tornado adequado para o crescimento exitoso. Esta preparação do terreno nada mais é que o ensino da Palavra, que é tarefa da Igreja. Por isso que Paulo diz que cabia a ele e a Apolo a plantação e o regar, sendo de Deus, porém, o crescimento (I Co.3:6-9).

Por isso, Barnabé, ao verificar que havia conversão autêntica, tratou de buscar a Paulo e, durante todo um ano, houve o discipulado, ou seja, o ensino da Palavra àqueles novos crentes. O resultado daquele ano de ensino não poderia ser melhor: os novos convertidos passaram a ter uma vida muito semelhante a de Jesus, passaram a ser diferentes dos demais moradores de Antioquia, passaram a ser provas vivas da transformação que o Evangelho produz nas pessoas. Após terem sido ensinados na Palavra e terem mudado de vida, os moradores de Antioquia passaram a notar a diferença e, cumprindo o que disse Jesus a respeito do efeito das boas obras dos Seus discípulos, passaram a chamar os discípulos de “cristãos”, isto é, “parecidos com Cristo”, “semelhantes a Cristo” (At.11:26). Eram os homens glorificando ao Pai que está nos céus (Mt.5:16). Era o resultado do ensino da Palavra.

Discipulado, portanto, é esta tarefa de ensinar a Palavra de Deus aos salvos, a fim de que eles se pareçam cada vez mais com o Senhor Jesus, para que eles se tornem cada dia mais parecidos com Jesus. O objetivo do ensino das Escrituras não é formar “doutores em Divindade” nem tampouco “Ph.Ds em teologia”, mas, sim, fazer surgir homens e mulheres que, com suas vidas, mostrem que Jesus as transformou e que estão caminhando para o céu, desde já tendo uma vida de santidade e de pureza, pessoas que são testemunhas de Jesus, provas vivas de que Jesus realmente salva o homem e o faz,

novamente, imagem e semelhança de Deus. O objetivo do ensino da Palavra de Deus, do discipulado na Igreja, portanto, é “formar Cristo em nós” (Gl.4:9), é refletirmos como espelho a glória de Deus (Ii Co.3:18).

Embora muitos considerem que o “discipulado” seja uma tarefa destinada somente aos novos convertidos, ou seja, um período de ensino da Palavra de Deus até o batismo nas águas, temos que a realidade bíblica é bem diferente. Não resta dúvida de que é necessário um discipulado específico para o novo convertido, como, aliás, vimos no episódio da igreja em Antioquia. Assim como o recém-nascido tem de ser objeto de um cuidado específico e diferenciado na vida física, também na vida espiritual o novo convertido deve ser objeto de um cuidado especial, devendo existir, em toda igreja local, um segmento que cuide especificamente dos novos convertidos, de modo a acompanhá-los na sua nova vida com Cristo, orientando-os e os socializando, de modo a que possam ser integrados na igreja local como novos membros do corpo de Cristo.

Entretanto, o discipulado não se encerra com o batismo nas águas do novo convertido que, tendo dado frutos dignos de arrependimento, desce às águas e é inserido na igreja local. O discipulado, tendo como finalidade o de nos fazer cada vez mais parecidos com o Senhor Jesus, é uma tarefa incessante, que não tem fim.

Quando vemos que Cristo constituiu os dons ministeriais na Igreja a fim de aperfeiçoar os santos, vemos que a tarefa do discipulado é uma tarefa que não tem término na vida de cada igreja local. Discipular é ensinar a Palavra, é aperfeiçoar os santos. Assim, somente pode ser considerada encerrada quando alguém tiver atingido a perfeição, pois só alguém perfeito não necessita ser aperfeiçoado. Tanto assim é que o apóstolo Paulo afirma que os dons ministeriais devem ser exercidos até que cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo (Ef.4:13).

Quem, porventura, chegou a este estágio durante os quase dois mil anos de Igreja? Alguém já chegou à estatura completa de Cristo? Alguém já atingiu a perfeição? Evidentemente que não! Se formos para a história dos grandes homens de Deus, sem dúvida que diríamos que, nos tempos apostólicos, o apóstolo Paulo se encontrava entre aqueles que poderiam ter chegado a este nível. No entanto, o próprio Paulo afirmou que não havia chegado a tal condição (Fp.3:12), sendo, neste passo, seguido por Pedro (II Pe.3:15,16) e João (Jo.20:30,31; 21:24,25). Se estes homens, que conviveram ou

tiveram uma revelação especial de Jesus, não chegaram a esta estatura, quem somos nós para dizer que o fizemos? Por isso, indubitavelmente, o discipulado é uma tarefa que nunca há de terminar na Igreja, visto que seu alvo é inatingível. Podemos, mesmo, afirmar que, ao dizer que o objetivo do discipulado é nos levar à estatura completa de Cristo, estamos aqui diante de uma expressão bíblica cujo significado é um só: “devemos aprender sempre”.

Como fazer o discipulado

Tendo visto que é uma tarefa fundamental e ininterrupta da Igreja o discipulado, o ensino da Palavra de Deus, tem-se a inevitável pergunta: como deve a Igreja discipular? Como deve cumprir esta ordem de Jesus?

Por primeiro, lembremos que se trata de uma ordem de Jesus. Quando o Senhor mandou que “fizéssemos discípulos”, que “ensinásemos as nações”, estamos diante de uma ordem, pois a passagem é a mesma que diz respeito ao batismo nas águas. Se entendemos que se trata de ordenança o batismo, não se vê tanta consciência no que concerne ao ensino da Palavra nestes nossos dias tão difíceis...

O ensino da Palavra de Deus, portanto, é uma necessidade, necessidade esta de que deve a igreja local estar sempre consciente, assim como a de evangelizar. Entretanto, é com tristeza que vemos que, assim como a Igreja está dispersa com respeito à evangelização, também o está, e até com maior intensidade ainda, com respeito ao ensino da Palavra de Deus.

Para cumprir a tarefa do ensino da Palavra, é preciso, em primeiro lugar, que a Igreja se veja dotada de homens e mulheres preparados para ensinar. Ainda nos reportando ao episódio da igreja de Antioquia, Barnabé, ao notar a salvação daqueles crentes, imediatamente viajou para Tarso, para trazer a Paulo, pessoa que ele sabia ser preparada e capaz de ensinar aqueles novos convertidos.

Um dos grandes problemas que temos visto nas igrejas locais da atualidade é o despreparo das pessoas para ensinarem a Palavra de Deus. Quando falamos em preparo, não estamos nos referindo a escolaridade ou a conhecimento secular de alguém, mas, sobretudo, a seu conhecimento bíblico, a sua capacidade de manejar bem a Palavra da Verdade (I Tm.2:15).

Num processo que muito tem nos preocupado, temos visto que, à medida que a escolaridade nas igrejas evangélicas tem subido (e até mais do que na média nacional brasileira, porque, afinal de contas, o Senhor é o mesmo Deus de Salomão, que continua a dar sabedoria e erudição aos Seus filhos), o conhecimento bíblico tem decrescido. Não temos medo de errar ao dizer que, se, há décadas passadas, grande parte dos obreiros das Assembleias de Deus era composta de pessoas iletradas, semialfabetizados, mas que tinham profundo conhecimento bíblico, hoje em dia estamos repletos de obreiros dotados de diplomas universitários, mas que, bíblicamente, são completamente analfabetos. O que é isto? É falta de discipulado!

As atividades de ensino são, quase sempre, as mais desprezadas nas igrejas locais na atualidade. A frequência média das Escolas Bíblicas Dominicais, em nossa denominação, segundo pesquisa de alguns anos atrás, é de 10%(dez por cento) dos membros da Igreja, ou seja, apenas o dízimo tem ânimo e interesse em estudar a Palavra de Deus em nossas igrejas! Isto é um absurdo e uma das principais razões da frieza espiritual, da influência mundana e da total desinformação que tem tomado conta do nosso povo nos últimos anos, sem falar nas milhares de vidas que se encontram completamente aprisionadas por heresias e falsos ensinamentos, que têm tomado conta dos nossos púlpitos.

O descaso com as Escolas Bíblicas Dominicais por parte de muitos pastores e dirigentes de igrejas locais, eles próprios eternos ausentes destas reuniões, leva, muitas vezes, à entrega das classes a pessoas despreparadas, que mal sabem para si, que dirá para os outros. Estamos muito longe do modelo bíblico, em que os apóstolos, apesar de serem os principais nomes da igreja, tomavam para si a responsabilidade do ensino da Palavra, ensino este que era prioritário, tanto que a primeira coisa que Lucas faz notar na igreja primitiva é de que eles “perseveravam na doutrina dos apóstolos” (At.2:42).

O ensino da Palavra deve ser a atividade interna prioritária, primordial na igreja local. Depois da evangelização, que é voltada para ganhar almas para o Senhor, que é voltada para os que estão fora da igreja local, para a comunidade (com exceção dos departamentos infantil, de adolescentes e juvenil, que são departamentos internos de evangelização), a igreja local deve se preocupar é com o aprendizado de seus membros, com o ensino da Palavra. Assim, as reuniões voltadas para os salvos devem ser, prioritariamente, de ensino da Palavra, de ensino doutrinário. Entretanto, o que se tem

visto é que a Palavra de Deus é tão somente lida em algumas reuniões, quando o é, sem qualquer exposição ou ensino a respeito dela. Não são poucos, aliás, os crentes que nem mesmo levam suas Bíblias para tais reuniões, pois sabem que nem sequer tais Bíblias serão lidas ou abertas.

Nos ensaios, nas reuniões de oração, nas festividades, nas reuniões de obreiros, nas reuniões administrativas, em todos os atos da igreja local, é primordial que haja uma exposição da Palavra e que se proceda ao ensino da Palavra de Deus. Como poderemos perseverar na doutrina dos apóstolos, se não há quem a ensine aos crentes? Como podemos crescer espiritualmente, se não recebemos o alimento espiritual, que é a sã doutrina, a Palavra de Deus?

Recentemente, ficamos muito tristes ao saber de um irmão de que, numa determinada reunião de sua igreja local, depois de cânticos e mais cânticos, o dirigente, ao notar que ainda faltavam dez minutos para o fim do culto, disse que “para não terminarmos o culto antes da hora, vamos, então, já que há tempo, falar algo da Palavra de Deus”. Onde nós estamos? A Palavra de Deus virou “sobra de tempo” em nossas igrejas locais? Algo para ser ensinado e exposto quando “houver tempo”? E o que dizer de outro dirigente de igreja que, como se tratava de culto de aniversário da igreja local, e como ainda haveria “comes e bebes”, decidiu que não haveria pregação nem exposição da Palavra naquele dia? Estamos, irmãos, lamentavelmente, a viver os tempos tristes anunciados pelo profeta Amós, tempos de fome e de sede da Palavra de Deus (Am.8:11)!

Para se fazer o discipulado, é indispensável que demos o devido valor à Palavra de Deus, Palavra que o próprio Deus engrandeceu a tal ponto de a pôr acima de Si mesmo (Sl.138:2). Sem esta atitude, de nada adiantará desenvolver “cursos teológicos”, “cursos bíblicos”, “cursos de preparação de obreiros” e tantas outras coisas que têm sido inventadas e postas em prática na atualidade. Se as pessoas não se conscientizarem de que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a Palavra que procede da boca de Deus (Mt.4:4), um discipulado não terá êxito em qualquer igreja local. Foi isto que os apóstolos sempre fizeram, a ponto de terem arrogado para si esta tarefa e tê-la posto como prioridade absoluta em seus ministérios.

Por isso, deve partir dos dirigentes da igreja local a tarefa do discipulado. Como pastores (e falamos aqui de função, de dom ministerial e não de título), são

necessariamente mestres, ensinadores da Palavra, pois nem todo mestre é pastor, mas todo pastor é mestre, tanto que a expressão bíblica, quanto relaciona os dons ministeriais, é “pastores e mestres” (Ef.4:11). Assim sendo, se alguém está a apascentar o rebanho de Deus, deve ensinar a Palavra e fazê-lo com prioridade. Por isso, até, é este um dos requisitos para a seleção ao ministério pastoral (II Tm.3:2).

O dirigente da igreja local deve ser o primeiro a ter prazer em ensinar e a se esmerar no ensino da Palavra. Deve ser alguém sempre pronto a elucidar dúvidas doutrinárias dos irmãos, um assíduo frequentador da Escola Bíblica Dominical, alguém que demonstra esforço e profundidade doutrinária nos cultos de ensino, como também na pregação da Palavra nas reuniões públicas. Não precisa ser um “doutor em Divindade”, um “erudito”, mas precisa, isto sim, demonstrar conhecimento bíblico, intimidade com as Escrituras, precisa ser um obreiro aprovado, que maneja bem a palavra da verdade.

Além de se mostrar ele próprio um estudioso das Escrituras, o dirigente da igreja local deve exigir este mesmo perfil de seus auxiliares. Não se pode permitir obreiro que não tenha conhecimento bíblico, que não demonstre meditar na Palavra de Deus de dia e de noite. O dirigente deve incentivar os seus auxiliares no estudo da Bíblia, inclusive, se necessário, fazendo reuniões de estudos bíblicos com eles, a fim de estimulá-los a manejar bem a palavra da verdade. Deve dar atenção especial ao superintendente da Escola Bíblica Dominical e aos professores da EBD, participando das reuniões preparatórias deles sempre que possível, além de assistir às aulas da EBD, verificando, assim, como está sendo ensinada a Palavra na igreja local.

Os departamentos da igreja devem, também, voltar-se para o ensino da Palavra de Deus. Toda e qualquer reunião deve ter uma exposição da Palavra e um ensinamento a ser ministrado por parte do responsável do departamento, quando não de algum obreiro destacado para fazê-lo pela direção da igreja local. Não há coisa alguma que justifica a ausência completa da Palavra de Deus nos ensaios dos conjuntos musicais ou nas reuniões de oração. As próprias letras dos hinos e cânticos a serem ensaiados são motivos para se realizarem estudos bíblicos (o que, aliás, levaria muitos a abandonarem certos “louvores” que andam infestando as nossas igrejas locais...).

Entre as crianças, adolescentes e jovens, deve-se sempre e ininterruptamente, na Escola Bíblica Dominical e fora dela, incentivar-se a leitura metódica e contínua da

Palavra de Deus, a fim de que se crie o hábito da leitura da Palavra desde cedo, o que será primordial para um sadio crescimento espiritual destas pessoas, que, por sua tenra idade, são facilmente influenciáveis pelo mundo. Neste passo, os professores de EBD destes segmentos bem assim os responsáveis por estes departamentos têm de ser pessoas amantes da Palavra do Senhor, devidamente preparadas para responder com mansidão e temor a razão da esperança que há no crente (I Pe.3:15). Muito se verifica, na escolha de tais pessoas, se elas têm uma vida de oração, se respeitam os costumes da igreja local, e pouco se observa a respeito de sua intimidade com a sã doutrina, quando é este o ponto fundamental a ser enfrentado, notadamente nos dias em que vivemos em que a mídia tem trazido número cada vez maior de pensamentos e ideias contrários às Escrituras, muitas vezes travestidos de “evangélicos”.

Com relação aos novos convertidos, é preciso haver um segmento especial da igreja local para deles cuidar. O novo convertido deve, também, ser estimulado e incentivado a iniciar a leitura das Escrituras, sendo de bom alvitre que sejam selecionados textos que digam respeito aos fundamentos doutrinários, a fim de que o novo convertido, um neonato espiritual, seja tratado com o “leite racional” (I Pe.2:2).

O novo convertido deve ser acompanhado de perto pelos evangelistas da igreja local, que deverão lhe tirar todas as dúvidas que tenha e dar prioridade a que ele aprenda os fundamentos doutrinários, as bases da doutrina cristã. Tais bases estão elencadas pelo escritor aos Hebreus, a saber: arrependimento de obras mortas, fé em Deus, doutrina dos batismos, da imposição das mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno (Hb.6:1,2). Tais ensinamentos devem ser dados, de forma sistemática, preferencialmente na Escola Bíblica Dominical, em classe específica para os novos convertidos, a fim de que eles possam, a um só tempo, ter conhecimento das verdades bíblicas essenciais, como também se acostumar a frequentar a EBD.

Nos chamados cultos de ensino, o dirigente da igreja local deve ministrar o chamado “sólido mantimento” (Hb.5:12), ou seja, levar à igreja a uma maior profundidade doutrinária, vez que se trata de uma reunião cujo objetivo é o de promover o crescimento espiritual dos crentes integrantes da igreja local. Por isso, muitas vezes, é conveniente que a reunião se dê apenas entre os membros da igreja local, havendo uma reunião paralela para outros segmentos que ainda estão na fase do “leite” (Hb.5:12), como crianças, adolescentes, jovens e novos convertidos.

Este tipo de reunião é o adequado para o chamado “ensino problemático”, ou seja, aquele em que, à luz dos problemas detectados na igreja local, o dirigente prepara um estudo bíblico a fim de mostrar aos crentes qual é a atitude que se espera de um servo de Deus ante tais dificuldades. No ensino problemático, o dirigente contextualiza a Palavra de Deus e cuida do rebanho de Deus, a exemplo do que Paulo fez em diversas de suas epístolas.

Infelizmente, porém, muitos dirigentes têm desperdiçado esta oportunidade singular para desmoralizar pessoas, entristecer irmãos e, não raras vezes, substituir o ensino da sã doutrina por mandamentos de homens e usos e costumes, o que contribui ainda mais para o raquitismo espiritual da igreja local e o aumento dos problemas e das dificuldades.

Igualmente triste é a constatação de que as reuniões de ensino são, quase sempre, as menos frequentadas das igrejas locais. Nos dias em que vivemos, em que a sobrevivência é cada vez mais difícil, muitos se justificam pela “falta de tempo” ou até mesmo “falta de dinheiro” pela sua ausência nos cultos de oração e doutrina. Entretanto, esta mesma “falta de tempo” e “falta de dinheiro” inexistem em outras espécies de cultos, notadamente os “louvorções”, os “congressos” e outros eventos, em que a sã doutrina é substituída pelo “reteté”, pelo “agito” e por tantas outras coisas. O que há, na verdade, é uma fuga à Palavra de Deus, uma fuga à Verdade, uma fuga da presença de Deus, o que apenas se justifica, bíblicamente, pela percepção de que, por causa do pecado, se está espiritualmente nu.

Diante desta realidade assustadora e cada vez mais frequente em muitas igrejas locais, urge que os dirigentes de igrejas locais, já que o povo não vem aos cultos de doutrina, façam o culto de doutrina ir até os irmãos, aproveitando-se das reuniões mais numerosas para ensinar-lhes a Palavra de Deus. Para tanto, é preciso que o tempo da Palavra de Deus aumente nos cultos, com diminuição de tanta cantoria e de tanta ostentação que muito pouco tem de adoração a Deus. Ou nos voltamos para o ensino da Palavra, para o discipulado, ou continuaremos a ver a progressiva, inevitável e impiedosa destruição do povo de Deus (Os.4:6).

Os efeitos da falta do discipulado

A Igreja foi feita para anunciar as boas-novas de salvação e para aperfeiçoar os santos, mostrar aos homens o que é servir a Jesus e dar provas vivas de que Jesus salva e transforma o homem, que, passando da morte para a vida, torna a ser imagem e semelhança de Deus.

Para que isto aconteça, a Igreja não só tem de pregar o Evangelho, como as pessoas que creem nesta mensagem têm de mudar completamente de vida, deixando as trevas e vindo para a luz, passando a ser novas criaturas, tendo uma modificação completa em suas vidas, a ponto de isto ser notado até mesmo por aqueles que são espiritualmente mortos.

Esta mudança de vida é a razão de Jesus ter chamado Seus discípulos de “luz do mundo” e “sal da terra”. Assim como a luz ilumina e faz as trevas desaparecer, os salvos devem fazer desaparecer a escuridão espiritual nos lugares onde se encontram, com o seu distinto comportamento trazendo bênçãos aos que estão à sua volta. Assim como o sal conserva o alimento e impede que ele apodreça, dá sabor ao alimento e até impede a formação de gelo, assim também a Igreja deve impedir o apodrecimento total do mundo nos aspectos moral e espiritual, deve tornar o mundo menos desagradável para se viver e deve interromper a frieza espiritual que caracteriza o domínio do pecado e do mal.

Contudo, notadamente nos dias de apostasia em que vivemos, muitas igrejas locais não têm sido mais “luzes do mundo” nem tampouco “sal da terra”. Em vez de iluminarem o mundo, estão se envolvendo com as trevas; em vez de conservarem a pureza, o sabor e o fervor espirituais, estão elas completamente comprometidas com o pecado, não mais se distinguem dos incrédulos, sendo verdadeiros “icebergs” espirituais. Por que isto está acontecendo?

Tudo isto está acontecendo porque muitas igrejas locais estão, a exemplo das dez tribos do reino do norte (o reino de Israel), sendo destruídas por falta de conhecimento das Escrituras (Os.4:6). A Palavra de Deus não é mais ensinada nestas igrejas. A Bíblia foi substituída por outros livros, por outros ensinamentos. Dizeres de teólogos, psicólogos, filósofos, cantores e compositores tomaram o lugar da Palavra. Os poucos que realmente se convertem a Cristo nestes lugares ficam desamparados, sem instrução nem nutrição espiritual e, por causa disso, crescem sem raiz, sem firmeza e, como Jesus ensinou na parábola do semeador, não resistem à angústia e perseguição (Mt.13:21).

A falta de Palavra de Deus, a falta de discipulado faz, também, com que muitos, embora tenham algum crescimento, ante o sufocamento da Palavra, deixam-se levar pelas riquezas ou pelos cuidados deste mundo e, por causa disto, também morrem espiritualmente (Mt.13:22).

A ausência do discipulado nas igrejas locais é um dos fatores primordiais pelos quais se dá o esfriamento do amor da esmagadora maioria das pessoas que se disseram um dia cristãs (Mt.24:12). Precisamos pertencer ao grupo minoritário, ao grupo daqueles que, por terem fome e sede de justiça, serão fartos (Mt.5:6); aqueles que, mesmo tendo a multidão sido despedida, mantêm aos pés do Senhor com interesse em d'Ele aprender (Mt.13:36); aqueles que não se acham autossuficientes, como a igreja de Laodiceia (Ap.3:17), mas que, como o salmista, se acha pobre e necessitado (Sl.40:17a), carente do aprendizado de Cristo.

Cada templo cristão pode se tornar um lugar de ensino moralizador, a fim de que nossas crianças e jovens, juntamente com seus pais, possam receber a instrução necessária, capaz de reverter o quadro de miséria, que levou este mundo à corrupção e violência. Ensinar é preciso! Jesus, o Divino Mestre, utilizou-se deste meio para dar início à Sua Igreja e a comissionou a ir por todo o mundo ensinando a todas as gentes (SILVA, p.133).

Os fundamentos da sociedade, do mundo, das nações, das religiões, da moral, da família, enfim, de todas as coisas se transtornam (Sl.11:3) e, tal qual o salmista, perguntamos ao Senhor: que pode fazer o justo? E este Senhor, que nunca nos deixe e quer nos ensinar, responde: “Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma.” (Mt.11:29).

Estamos dispostos a tomar o jugo de Jesus, a pagar o preço por aprendermos da Sua Palavra e, por causa disto, a colocarmos em prática? É por isso que os que amam a Palavra do Senhor têm sido cada vez mais rejeitados nas igrejas locais. São considerados “fanáticos”, “retrógrados”, “ultrapassados”. Entretanto, sabemos que as palavras do Senhor não passam (Mt.24:35; Lc.21:33) e que, portanto, devemos continuar a ensinar as Escrituras e que, somente a partir delas, teremos condição de crer em Jesus e de seguir jubilosos o nosso caminho até o dia da glorificação (At.8:35-39).

Devemos, pois, com todas as forças, não desanimar e, apesar de toda a resistência, a começar de nossas próprias igrejas locais, lutar para que haja o discipulado, desde as crianças até os novos convertidos, passando, também, pelos “crentes antigos”. Lutemos para que haja ensino da Palavra de Deus em todas as reuniões, inclusive com mensagens doutrinárias nos cultos ditos evangelísticos de domingo à noite. Lutemos para que, nos ensaios e reuniões, haja sempre a exposição da Palavra. Lutemos para o aumento da frequência da Escola Bíblica Dominical. Lutemos para que os obreiros se conscientizem da necessidade de ler a Bíblia e serem aptos para ensinar. Lutemos para que o tempo da Palavra aumente em nossas reuniões. Sabemos que tudo isto é muito difícil, que a apostasia já se instalou, mas também nos esqueçamos de que precisamos ser “...firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o nosso trabalho não é vão no Senhor”(I Co.15:58b, com adaptação das pessoas gramaticais).

Referências

CABRAL, Elienai. A igreja e a sua missão. **Lições Bíblicas** – jovens e adultos. 1º trimestre de 2007. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. 96p.

SILVA, Osmar José da. **Reflexões filosóficas de eternidade a eternidade**. São Paulo: s.ed., 2000-2001. 6v.